



CADERNO DE CASOS
SEMIÁRIDO BRASILEIRO





3

TERRITÓRIO:
ALTO SERTÃO SERGIPANO - SERGIPE

UNIDADE DE PRODUÇÃO CAMPONESA E O PROTAGONISMO DE IVA DE JESUS,
UMA JOVEM REFERÊNCIA TERRITORIAL

REGIÃO SEMIÁRIDA DAKI-SV:
Semiárido Brasileiro



CATEGORIA PRINCIPAL:
Inovação e Organização Social

CATEGORIAS COMPLEMENTARES:
Produção Biodiversa; Sementes Crioulas

GRUPOS IDENTITÁRIOS:
Mulheres e Juventude

1.DADOS GERAIS

1.1 RESUMO

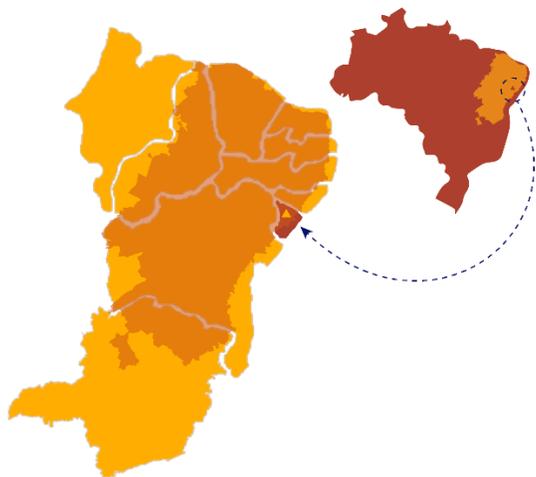
A unidade de Produção Camponesa (UPC) é um espaço de formação idealizado pelo Movimento dos Pequenos Agricultores(as) (MPA) com o objetivo fortalecer e valorizar o modelo de produção do campesinato em contraponto ao modelo de produção do agronegócio. Para tanto, desenvolve atividades produtivas na perspectiva da convivência com o semiárido e da agroecologia, bem como de formação de camponeses e técnicos locais e produção e multiplicação de sementes crioulas. No desenvolvimento dessas ações busca agregar a juventude camponesa nos processos de gestão da unidade e fortalecimento da luta do movimento.

É dentro desse processo que se insere o protagonismo de Iva de Jesus, jovem agricultora, mulher negra, assentada da Reforma Agrária, que compõe a base local do MPA e tem lutado pela soberania, segurança alimentar e nutricional no território do Alto Sertão Sergipano. Sua trajetória está intimamente ligada à construção e participação de espaços de organização coletiva e de produção agroecológica que fazem da sua experiência uma referência territorial. Nesta sistematização, será abordado o protagonismo de Iva de Jesus enquanto jovem liderança territorial e sua relação com a experiência da Unidade de Produção Camponesa, com a qual contribuiu para sua criação e foi gestora em 2019, destacando práticas e processos de inovação e organização social camponeses, que contribuem para produção agroecológica e mais resiliente.

1.2 PALAVRAS-CHAVE

Organização Social; Formação; Protagonismo feminino e étnico racial; Produção Camponesa.

1.3 LOCALIZAÇÃO



Território do Alto Sertão Sergipano, Assentamento Nova Canadá, município de Canindé de São Francisco, estado de Sergipe

Mapa 1 – Localização da experiência.

Fonte: DAKI-Semiárido Vivo.

1.4 ATORES PRINCIPAIS

O protagonismo dessa experiência vem da trajetória da agricultora Iva de Jesus, e os passos de seu processo pessoal rumo a sua evolução nas percepções de si, como mulher negra e camponesa, chegando ao empoderamento político, protagonismo e referência territorial na luta em defesa da soberania alimentar e organização para a produção agroecológica. No âmbito familiar sua mãe Arlinda de Jesus e os irmãos Fagner de Jesus Santos e Damázio de Jesus Santos são seus grandes aliados, que colaboram financeiramente para a estruturação das áreas produtivas em transição, a exemplo do roçado de algodão agroecológico.

Em outro aspecto, são também atores e atrizes os membros da Unidade de Produção Camponesa, composta por Elielma Barros, Gardênia Oliveira, Frank Cordeiro e Maria de Jesus Santos, irmã de Iva e atual coordenadora da UPC, dando continuidade ao trabalho da família em espaços de organização camponesa.

1.5 ORGANIZAÇÃO/ÕES PARTICIPANTE/S

Participam desse processo:

Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA): responsável pelo despertar de Iva para a militância em prol da soberania alimentar dos povos da região, e pela forte contribuição em seu processo de formação em agroecologia.

Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera): Formação Superior em Agroecologia.

Unidade de Produção Camponesa (UPC): Laboratório de experimentação das práticas camponesas e objeto de pesquisa de conclusão do curso de Iva de Jesus em agroecologia;

Associação de Certificação Orgânica Participativa de Agricultores e Agricultoras do Alto Sertão de Sergipe (ACOPASE): reconhecimento do papel de Iva como agroecóloga na gestão da ACOPASE, na qual é a primeira presidenta.

EMBRAPA Tabuleiros Costeiros, Instituto Federal de Sergipe (IFS), Sociedade de Apoio Sócio Ambientalista e Cultural (SASAC), Centro Dom José Brandão de Castro (CDJBC), Articulação Semiárido (ASA), Universidade Estadual de Sergipe (UFS): apoio às ações de Sementes Crioulas na UPC, através da construção de casa de sementes e formações, pesquisa, teste de transgenia, além de análise e fertilização de solo.

Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (EMDAGRO): construção do desenho do projeto de irrigação da UPC.

1.6 REFERÊNCIA TEMPORAL

A experiência relata o processo de empoderamento e contribuições da agricultora Iva de Jesus partindo da compreensão pessoal do seu lugar como mulher jovem, negra e assentada da reforma agrária, e ampliando para a compreensão coletiva e territorial, a partir da sua atuação nos processos de gestão da Unidade de Produção Camponesa (UPC). Sua caminhada é determinada pelo seu compromisso na formação e organização de agricultores(as) para o fortalecimento do campesinato, produção agroecológica, e soberania alimentar no Alto Sertão Sergipano.

Dessa forma, como marco referencial a Unidade de Produção Camponesa tem o ano de 2015, quando, através da sua representação jurídica, o MPA recebeu do governo do Estado de Sergipe o termo de comodato de uso da terra reivindicada pelo movimento, no Perímetro Irrigado Califórnia. Fruto de muitas mãos, a UPC segue ativa desde então, tendo participado de projetos e políticas como contribuição para a construção do Projeto da Lei Estadual de sementes crioulas e de agroecologia, bem como forte contribuição e articulação para a realização do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) em 2019, na Universidade Federal de Sergipe (UFS) –SE.

Antes mesmo da criação da UPC, a agroecóloga Iva de Jesus já havia iniciado sua jornada formativa dentro do MPA (2013), através do Primeiro Acompanhamento da Juventude do Alto Sertão Sergipano, que marcou seu despertar para a militância camponesa. Como processo de extrema relevância para sua caminhada, dentro das ações da UPC Iva assume em 2019 a coordenação da unidade, e em 2020 ao sair da coordenação, ela é eleita para assumir a presidência da Associação de Certificação Orgânica Participativa de Agricultores e Agricultoras do Alto Sertão de Sergipe (ACOPASE), onde cumprirá o mandato até 2023

ANO	LINHA DO TEMPO
2013	Iva entra no MPA e participa no primeiro acampamento da juventude do Alto Sertão Sergipano. Após 3 meses de movimento assume o primeiro compromisso em representar o MPA. Momento pessoal de percepção de classe e de si mesma.
2014	Integra a equipe que ocupa a área onde depois vai se instalar a Unidade de Produção Camponesa.
2015	É aprovada no curso de agroecologia na Universidade do recôncavo Baiano, através do PRONERA.
2015	Iniciam as aulas do curso de agroecologia e Iva enfrenta dificuldades para se manter no curso.
2016	Continua como membro da brigada do campo na UPC.
2017	A UPC passa a integrar o projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos.
2018	Assume a gestão da Unidade de Produção Camponesa e realiza, juntamente com a coordenadora do projeto, uma pesquisa sobre controle de ataque de lagarta rosada no roçado de algodão da UPC, tornando-se referência no projeto.
2019	É eleita presidente da Associação de Certificação Orgânica Participativa de Agricultores e Agricultoras do Alto Sertão de Sergipe (ACOPASE), e deixa a coordenação da UPC.
2020	Implanta um Roçado de Algodão consorciado em área de lote da família.



1.7 OBJETIVOS

Fortalecer a pauta da agroecologia e das sementes crioulas, além de tornar-se referência territorial como mulher jovem, negra, agroecóloga e empoderada politicamente.

1.8 DESAFIO

De forma ampla, a experiência se localiza em uma área com forte impacto ambiental, devido ao modelo de produção que utiliza adubos químicos em excesso e aplica irrigação desordenadamente, práticas que contribuem para o aceleração da compactação do solo, bem como do processo de salinização do mesmo.

No âmbito pessoal, alguns desafios enfrentados por Iva atingem, ainda, boa parte da juventude do campo, como são o acesso à informação de qualidade, que possibilitem ao jovem refletir a sua realidade como sujeito do processo, e a formação educacional. A formação escolar para juventude do campo gera, muitas vezes, a necessidade de sair do local de origem (comunidade ou assentamento), e se manter por longos períodos fora de casa, gerando entre outras coisas, gastos que podem inviabilizar ou acarretar desistências. No caso de Iva, ela buscou estratégias como fazer bingo e contar com o apoio de seus irmãos para manter seus estudos. Já no âmbito coletivo, o maior desafio é que a que a ACOPASE se transforme numa organização de referência na produção agroecológica do estado de Sergipe, ampliar a capacidade produtiva das áreas de agricultores/as cooperados, através do controle da lagarta e do bicudo, e conquistar a certificação orgânica dessas áreas.

1.9 DIMENSÃO RESILIENTE

A experiência de Iva de Jesus contribui para fortalecer e evidenciar o papel da juventude rural em vários aspectos:

- Autoestima e empoderamento da mulher jovem e negra;
- Liderança e protagonismo jovem em espaços de tomada de decisão;
- Compreensão sobre o papel da militância e produção agroecológica realizada por mulheres;
- Importância de uma formação que acolha as ideias da juventude camponesa.

No âmbito da UPC, destacam-se os espaços de debate e formação permanentes no âmbito político e da agroecologia, assim como as práticas conservacionistas de sementes crioulas, manejo dos solos e produção sustentável.

2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A Unidade de Produção Camponesa (UPC), bem como o lote da família de Iva de Jesus, estão localizados dentro da área do projeto de irrigação Califórnia. O Perímetro Irrigado Califórnia é constituído por duas antigas fazendas, Cuiabá e Califórnia, desapropriadas pelo governo do Estado em 1984. Sua construção foi iniciada em julho de 1985, e concluída em março de 1987, quando entrou em operação. Ele foi planejado para ser o modelo de exploração racional de solo e água no Semiárido Nordeste.

O Projeto de Irrigação Califórnia compreende uma área total de 3.980 ha e conta com área irrigada de 1.360 ha, sendo constituído por 259 lotes familiares com área média de 4,2 ha (72% da área) e lotes empresariais com área média de 15 ha (5,7% da área), além de 61 lotes onde se pratica a agricultura de sequeiro (dependente de chuva), com média de 30 ha (18% da área) (COHIDRO, 2016).



As características dos solos, associadas às deficiências no sistema de drenagem e ao manejo agrícola realizado ao longo dos anos no perímetro irrigado, que em sua grande maioria não adotam critérios técnicos como adubação, manejo de solo e de irrigação; contribuem para a existência de um elevado potencial de salinização e compactação nas áreas irrigadas. Segundo a Dra. Eliane Moura Moraes, gerente do perímetro irrigado Califórnia/COHIDRO (2022), a área sempre funcionou como um Centro de Difusão de Tecnologia (CDT) de Canindé do São Francisco, uma espécie de laboratório experimental de cultivos, onde foi experimentado plantio de milho, palma, goiaba, entre outros, sendo também utilizado como área de solta de rebanhos.

Entre 2005/2006 funcionou como Pólo de Produção Integrada de Goiaba (PPIG-SE) sob a gestão da Associação Brasileira de Produtores/as de Goiaba (GOIABRAS), com o objetivo de absorver a produção de goiaba dos produtores do projeto de assentamento Califórnia. Anos depois, após a saída da Associação do Estado de Sergipe, a atividade foi assumida pela COHIDRO – Companhia de Desenvolvimento e Irrigação de Sergipe.

Após aproximadamente 10 anos em que este terreno ficou desativado, o MPA resolveu reivindicar ao governo do estado de Sergipe a gestão da área, visto que se tratava de um terreno com potencial para se construir um espaço de referência para a produção camponesa. Em 2015, o espaço foi assumido em regime de comodato pelo MPA e batizado de UPC – Unidade Produtiva Camponesa. Nesse sentido, o Movimento dos Pequenos agricultores em conjunto com Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Pastoral da Juventude Rural (PJR) e outros movimentos sociais do campo, vêm acumulado lutas no Alto Sertão Sergipano em prol de uma educação que de fato contemple os anseios da juventude camponesa e que contribua para sua permanência no campo e sensibilização para práticas produtivas mais sustentáveis, como por exemplo a escola da roça.

Atualmente, dentro dos 3.980 hectares do projeto Califórnia funcionam, de maneira interdependente e complementar, as duas formas de exploração agrícola recomendadas para região semiárida: a Agricultura Irrigada e a Agricultura de Sequeiro. Desde 2016, através de transferência de tecnologia firmada entre a Embrapa Semiárido (Petrolina-PE) e o Governo do Estado, foi viabilizado a implantação de três campos experimentais de uva e pera dentro do perímetro irrigado, o que demonstra claramente o antagonismo entre o modelo de produção proposto pela UPC e a proposta produtiva praticada e fomentada em boa parte dos demais lotes do perímetro. Além da plantação de uva e da pera, em fase inicial, as principais culturas exploradas na parte irrigada são: quiabo, milho, goiaba, aipim, abóbora, acerola, feijão e hortaliças, produzidas em sua grande maioria dentro do modelo convencional, ou seja, com usos de adubos químicos, monocultivos, manejo agressivo do solo e irrigação desordenada, o que leva a rápida salinização da água e compactação do solo.

É dentro desse contexto de luta e formação política que a experiência de Iva de Jesus se insere e ganha significado e representatividade. Iva tornou-se referência territorial a partir de seu envolvimento na luta por garantia de direitos no campo com seu engajamento no MPA, onde realizou e realiza diversas ações de intervenção em prol do fortalecimento da agricultura familiar camponesa. Neste processo, contribuiu com a criação e instalação da Unidade de Produção Camponesa (UPC), espaço que funciona como um grande campo de experimentos de práticas agroecológicas, agregando um trabalho coletivo desenvolvido por agricultores(as) de diversas comunidades e assentamentos do território do Alto Sertão, servindo também como espaço de referência para multiplicação dessas práticas.

Atualmente integra o Projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos, uma iniciativa coordenada pela Diaconia, em parceria estratégica com a Embrapa Algodão e a Universidade Federal de Sergipe (UFS, Campus Sertão – Nossa Senhora da Glória). O projeto conta com o apoio técnico e financeiro Laudes Foundation, e vem sendo implementado em Sergipe pelo CDJBC. Iva vem se destacando nos processos de gestão das unidades de produção – primeiramente no roçado dentro da UPC e atualmente em seu lote familiar –, nas ações políticas de



organização e participação social, e na presidência da Associação de Certificação Orgânica Participativa de Agricultores e Agricultoras do Alto Sertão de Sergipe (ACOPASE).

Sua história está intrinsecamente ligada aos espaços de organização coletiva, bases da sua formação que será apresentada a seguir.



Figura 1 – A agricultora e liderança Iva de Jesus. Fonte: DAKI-Semiárido Vivo, 2022.

2.2 HISTÓRICO

Para os objetivos dessa sistematização de relacionar o protagonismo de Iva de Jesus ao desenvolvimento de práticas de inovação e organização social a partir da UPC; neste tópico se descreve sobre sua trajetória pessoal e seu processo de formação, pontos-chave para seu papel de referência. Além disso, também será dado destaque para a integração de sua história com a da UPC, de onde serão identificadas as práticas e processos de aprendizagem inovadores, abordados nos tópicos seguintes.

O ano de 2013 foi decisivo na caminhada de Iva de Jesus, pois marcou a sua entrada no Movimento dos Pequenos Agricultores, ao participar do primeiro acampamento da juventude do Alto Sertão Sergipano. O acampamento se constituiu como um espaço de encontro, formação, socialização de experiências e de intercâmbio cultural da juventude que integrava grupos e movimentos sociais da região do Sertão e do Estado, com o objetivo de debater os problemas da juventude, em especial da educação e afirmar a luta pela implantação de um campus da Universidade Federal de Sergipe no Sertão, ao mesmo tempo em que buscava fortalecer a integração e o protagonismo da juventude na construção de um de um projeto popular.

O evento contribuiu muito com o olhar de Iva para as questões sociais as quais estava imersa, em suas palavras, para o “despertar pra vida”; e passa a compreender o seu lugar, origem, bem como as razões da condição

financeira de sua família. Ainda nesse mesmo ano, integrou a caravana que ocupou a 36ª Unidade de Pesquisa da Monsanto no Brasil, localizada no distrito de irrigação Nilo Coelho, em Petrolina-PE, durante 40 dias. Como a ação fez parte da Jornada Nacional de Lutas por Soberania Alimentar, fundamentou ainda mais a sua vontade de militar em defesa da pauta agroecológica e fortalecer o campesinato. É, portanto, o nascedouro da percepção de sua condição de mulher negra, pobre, e também a descoberta da sua espiritualidade.

Nesse período, Iva e a família já eram assentados da reforma agrária e tinham relação direta com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. No entanto, participou desse encontro através do processo de mobilização de base do MPA, o que para ela foi um divisor de águas em sua vida: **“Eu sou muito grata ao MST, ele foi um movimento muito importante na minha base, mas para esse despertar, talvez não fosse eu a pessoa naquele momento. Por isso que eu digo que o MPA me transformou. Fez de mim uma pessoa melhor. E por que eu digo isso? Ele me fez sentir parte do processo. Me despertou para o meu papel enquanto filha de assentada. Me fez ver o sentido do campo. Tirou de mim a vergonha de não poder ter isso ou aquilo, que a gente que é jovem do campo sempre tem. E foi por isso que o MPA me ganhou. Porque aí eu passei a entender por que a minha família era pobre, e por que tanta coisa precisava mudar. Primeiramente dentro de mim, e depois pensar na luta coletiva”**.

Em 2014 o MPA amplia os processos de articulação para a conquista da área onde seria posteriormente implantada a Unidade de Produção Camponesa e Iva passa a fazer parte da Brigada Permanente da Terra, coletivo gestor da UPC, e também integra a equipe que ocupa a referida área onde hoje está implantada a Unidade de Produção Camponesa. Logo em seguida, com a conquista do termo de cessão em regime de comodato da área ocupada (2015), ela continua a integrar a equipe que trabalhará no processo de estruturação da UPC e nesse mesmo ano que é aprovada para o curso de agroecologia na Universidade do recôncavo Baiano, através do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA).

Assim, entre os anos de 2015 e 2017, Iva se divide entre mobilização de recursos para manter os deslocamentos à universidade e as ações da Brigada Permanente na UPC, uma vez que o curso se localizava em outro estado, e partia da lógica da pedagogia da alternância, ou seja, com constantes idas e voltas para o assentamento. Além disso, contribuiu também em outras ações do movimento como, por exemplo, a preparação para o I Congresso Nacional do MPA.

Quando a Unidade de Produção Camponesa passa a integrar o projeto Algodão em Consórcios Agroecológico em 2018, embora a mesma ainda estivesse muito envolvida com a sua formação universitária, ela passa a fazer parte da equipe que será capacitada pelo projeto a fim de implantar o roçado na UPC.

Porém, é somente em 2019, quando ela assume a gestão da Unidade de Produção Camponesa e concluiu a sua graduação, que ela passa a se dedicar ainda mais a experiência do roçado de algodão, e onde realiza juntamente com a coordenadora, uma pesquisa de monitoramento sobre controle de ataque de *lagarta rosada* no roçado de algodão da UPC. Nesse momento, ela se torna referência dentro do projeto, e através desse monitoramento, o roçado da UPC tem um resultado bastante satisfatório no que tange a quantidade e qualidade da pluma de algodão.

No final de 2019 ela deixa a coordenação da Unidade de Produção Camponesa. E em 2020, quando os(as) agricultores(as) inseridos(as) no Projeto Algodão começam a se organizar para a instalação da ACOPASE, ela é eleita presidente, devido a sua atuação, alinhada ao acúmulo do aprendizado na gestão da UPC. Participou de todas as capacitações e intercâmbios sobre produção e manejo agroecológico de algodão e sobre Certificação Orgânica Participativa. Em 2021, tendo como base os saberes agroecológicos já amadurecidos na experiência do roçado de algodão, ela resolve que é hora de plantar a sua própria área, e assim inicia o processo do roçado no lote familiar.



A trajetória de Iva é marcada pelos processos de formação e engajamento nas pautas sociais do campo. Nesse trajeto vale destacar a importância dos movimentos sociais como MPA, das ONGs como o caso da Diaconia e CDJBC, assim como de investimentos públicos em formação, como o PRONERA. Os processos de formação foram essenciais para que ela pudesse conquistar, junto aos agricultores e agricultoras, o papel de liderança que hoje ocupa na ACOPASE, bem como o auto reconhecimento das suas capacidades e de como é possível que os(as) agricultores(as) sejam os grandes protagonistas de seus processos: **“Hoje eu tenho muito orgulho de mim, eu sei que conquistei alguma coisa e isso me deixa feliz. O que estamos construindo na ACOPASE é muito grande e eu sei que pode ser maior ainda. Sabe, pra mim esse projeto de Algodão chegou na hora certa aqui no território. E não é fácil, mas hoje eu olho para nós e penso, somos nós que estamos construindo, e isso é grande. Olho para mim e vejo que estou fazendo o que em outro tempo eram outros consultores que faziam e hoje sou eu também. Olho e sei que sou uma agroecóloga e tenho um papel a ser cumprido. Eu posso dizer que sei acolher os meus semelhantes e reconhecer a importância deles também nesse processo. Não depende de ninguém vir auxiliar, somos nós. Nós os agricultores que estamos fazendo essa história”**

2.3 DESCRIÇÃO TÉCNICA DE PRÁTICAS/PROCESSOS

Pode-se dizer que a experiência tem sua base técnica nas ações de gestão da Unidade de Produção Camponesa, início do processo de atuação da agricultora. A referida Unidade se fundamenta nos princípios produtivo e organizativo, ancorados nas deliberações afirmadas no I Congresso Nacional do MPA, realizado em outubro de 2016, que são: um movimento camponês, popular, autônomo, de luta e formação política permanente, primando pela disciplina e unidade nacional, tendo a projeção das mulheres, da juventude, das crianças e participação dos idosos como princípio.

A **Unidade de Produção Camponesa** propõe desenvolver atividades produtivas e de formação política e técnica na perspectiva da convivência com o semiárido, considerando a lógica dos sistemas camponeses de produção, com base nos princípios da Agroecologia, e por meio de processos pedagógicos com famílias camponesas, militantes e técnicos de todo o território. A UPC possui uma área de 60 tarefas, das quais 09 são irrigadas, e abriga os cultivos consorciados de sementes crioulas, a casa de sementes, casa militante, unidade de beneficiamento, minhocário, as formações e intercâmbios.

A UPC será para a agricultora Iva de Jesus uma espécie de laboratório, onde ao mesmo tempo ela aprende, trabalha e pesquisa, sendo a unidade seu objeto de pesquisa na conclusão do curso em agroecologia. No processo de gestão da unidade, ela integrou as ações do coletivo de produção do Movimento dos Pequenos Agricultores, que teve a tarefa de contribuir nos processos de articulação estadual, territorial e ser parte da coordenação ampliada da Unidade.

Neste processo, se destacam como principais práticas e arranjos de inovação e organização social para formação camponesa, a partir da experiência da UPC:

1. As ações da Brigada Permanente, que é um grupo de militantes que reside na UPC e que tem como tarefa central coordenar a unidade, elaborar e sistematizar ferramentas de trabalhos e comunicação sobre a produção camponesa, sementes crioulas, manejo de solo, defensivos, etc. Para esse fim, os brigadistas devem assumir o papel de militantes com disposição para conduzir trabalhos práticos de produção, formação, gestão, comercialização, trabalho de base no entorno, ter disposição para momentos de estudos, e vivenciar os espaços de formação e tarefas diárias, zelando pelas decisões e planejamentos coletivos.

Ainda se destaca a grande relevância da **Escola da Roça**, como uma parte importantíssima no processo de implantação da UPC. A escola se fundamenta em 4 eixos: teoria, vivência, prática e multiplicação. A escola funciona em módulos semanais, onde temas como campesinato, agroecologia, soberania alimentar, sustentabilidade são trabalhados. Para uma melhor apropriação dos conteúdos, o tempo de formação é dividido



em tempo teórico e aplicação prática. Por exemplo, quando trabalhada a importância do solo dentro do processo de produção agroecológica, na parte prática são realizadas práticas que corroboram com o manejo de solo, como a compostagem, o minhocário e a irrigação.

A parte da vivência se fundamenta na troca de saberes que cada um trás para a roda durante a formação. E a multiplicação, pode-se dizer que é o momento em que o formando, olhando os vários temas e técnicas debatidos e trabalhados durante a formação, escolherá pelo menos uma para colocar em prática na unidade familiar, já que muitas das unidades que integram a Unidade, estão em fase de transição agroecológica.

2. Outra estratégia importante é o processo de resgate e valorização das sementes crioulas. Por se tratar de uma região fortemente impactada pelo avanço de sementes transgênicas, a estratégia pensada foi a criação do **Coletivo de Produção** que buscou parcerias tanto para o processo de estruturação da casa de sementes na UPC, bem como outros que viabilizassem diversas ações e pesquisas. O processo partiu primeiramente de um mapeamento dos guardiões e guardiãs de sementes do território, e do levantamento das variedades de sementes que estes guardavam. O mapeamento e identificação de variedades é uma tarefa contínua, e tem como meta identificar 100 guardiões. No último levantamento realizado antes da pandemia, esse número já era de 70 guardiões.

Na sequência foram realizados encontros e trocas de sementes, com formações entre os(as) camponeses(as) e trocas de material genético com o objetivo de fortalecer a consciência sobre a importância da conservação de sementes crioulas. Ainda como espaço de trocas e formações, são realizados intercâmbios que acontecem em associações e cooperativas com objetivo de propiciar a troca de experiências, além da realização de seminários formativos.

3. E por fim, **os campos de implantação de ensaio de sementes de milho** que, segundo Maria dos Santos de Jesus (2021), atual coordenadora da UPC e irmã de Iva, o foco do campo de ensaio *“era o estudo e avaliação das variedades de milho crioulo e suas características*. Os critérios de avaliação utilizados foram: altura da planta, espessura do caule, ciclo, palhada, número de espigas por planta, resistência ao ataque de pragas e doenças, resistência à seca, bom para ração, bom para consumo. Para essa avaliação foram utilizadas notas de 1 a 4, sendo 01 para fraco, 02 para médio, 03 para bom e 04 para ótimo. A avaliação foi feita pelos agricultores guardiões entrevistados, e alguns moradores da comunidade”.

Foi dentro desse processo de formação e interação que Iva assumiu em 2019 a gestão da UPC e passou a aplicar o seu aprendizado como agroecóloga e como brigadista, passando a ser a pessoa de referência do MPA no Projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos. Embora a Unidade Camponesa já integrasse o referido projeto, o ataque da lagarta do algodão impedia bons resultados. Assim, em parceria com a então coordenadora do projeto, elas realizaram uma pesquisa sobre o ataque e Iva passa também a ser percebida e reconhecida no âmbito do projeto, graças a sua dedicação em pesquisar e monitorar estratégias para o controle da praga.

A atuação na brigada foi fundamental para aprimorar sua capacidade de gestão, já que cabia à brigada o papel de coordenar todos processos na UPC, buscando garantir tanto a dimensão produtiva como as relações de gênero, a fim de promover e despertar valores para a formação de homens e mulheres nos princípios da igualdade, respeito e inclusão. Toda essa capacitação vai refletir na sua eleição para a presidência da ACOPASE.

Atualmente existe o empenho em tornar o lote familiar da família em uma área de produção agroecológica, diversificada. A área encontra-se em transição e já possui uma diversidade de cultivos familiares que contribuem para o fortalecimento de sua experiência: milho, feijão, gergelim, girassol, algodão, melancia, palma, além da criação de galinhas, de cabras e ovelhas. A produção realizada pela família é para o consumo e comercialização do excedente.





Figura 2 – Plantio de Palma na área da UPC, 2016. Fonte: Acervo MPA.

2.4 ESTÁGIOS DE IMPLEMENTAÇÃO

Aqui destacamos os passos principais para implantação da Unidade de Produção camponesa (UPC), em duas fases:

1. Planejamento da Unidade de Produção Camponesa

Verificada a realidade ambiental e os objetivos da área, o MPA realizou um planejamento coletivo que traçou ações de estruturação, metodologia de organização, funcionamento e ações para UPC:

- Definição da equipe de coordenação para começar a atuar;
- Agenda de mutirões para: manejo da vegetação – devido a rápida propagação do nim (*Azadirachta indica* A. Juss) adensado na área –, preparação de solo e plantios, reparos de cercas, etc;
- Construção do plano técnico de irrigação e desenho básico da área com as estruturas que seriam construídas: orçamento e ordem prioritária;
- Aquisição de equipamentos para implantar a irrigação;
- Mobilização de recursos com parceiros, realização de atividades culturais e projetos;
- Plano básico de formação inicial: oficinas, cursos, etc;

2. Estruturação da Unidade de Produção Camponesa UPC

- Plano de projeção produtivo: definição das áreas destinadas à produção irrigada, sequeiro, reserva florestal, espaço de viveiro de mudas, produção de sementes, adubação verde, banco de proteínas, alimentação animal, produção de insumos, hortaliças, aviário e cultivos diversificados;
- Construção de estruturas simples para possibilitar acolhida dos/as militantes em atividades de formação;
- Plano de irrigação para no máximo 10 tarefas de terra, considerando as orientações técnicas de manejo de água e solo com tecnologias adaptadas ao Semiárido.

2.5 RECURSOS NECESSÁRIOS

Recursos Materiais: as demandas básicas para a prática da UPC experiência são a terra e a autonomia sobre seu uso, além dos investimentos para sua estruturação como a casa, equipamentos, irrigação, formação entre outros.

Recursos Financeiros: Para a estruturação da casa de sementes, a UPC contou com recursos do Programa Sementes do Semiárido (ASA), com apoio da Embrapa Tabuleiro Costeiro, viabilizando diversas ações e pesquisas, juntamente com o Instituto Federal de Sergipe-IFES.

Recursos Humanos: os mutirões comunitários são peças importantes, para a construção da casa sede por exemplo, e para a estruturação das atividades produtivas.

2.6 RESULTADOS E IMPACTOS

A busca incansável por formação da agricultora Iva de Jesus, bem como seu empenho a frente de ações estruturantes para o campesinato no território, apresentam como resultados:

- O protagonismo de uma mulher, agricultora, negra e jovem nos processos articulação estadual de certificação Orgânica Participativa de Agricultores e Agricultoras;
- O acesso a formação política e acadêmica em curso de interesse para campesinato;
- O protagonismo feminino em espaços de deliberação política de agricultores(as), uma vez que a diretoria da Associação de Certificação Orgânica Participativa de Agricultores e Agricultoras do Alto Sertão de Sergipe (ACOPASE) é composta em totalidade por mulheres;
- O fortalecimento do debate sobre produção agroecológica consorciada e certificada no território do Alto Sertão Sergipano.

Desde seu início em 2015, a experiência da UPC já envolveu diretamente em suas ações formativas aproximadamente 60 jovens, sendo 36 estagiários/as, 5 na Brigada Permanente da Terra, 15 de intercâmbios internacionais e 04 de outras parcerias que se somaram diretamente nas ações de estruturação da unidade. Além disso, os jovens participam em seu processo de gestão, bem como no fortalecimento de práticas conservacionistas de produção, sempre buscando fortalecer a juventude em processos de formação técnico e acadêmicos, capazes de desenvolver as habilidades de que a unidade precisa para sua manutenção e gestão. Em relação aos resultados e impactos da UPC, se apresentam:

- 20 tarefas de solos recuperados através de práticas de biofertilização, compostagem e adubação verde;
- Produção de alimentos agroecológicos (melancia, milho, feijão, gergelim, quiabo, macaxeira, acerola, hortaliças diversas, aves, ovinos etc);



- 40 variedades de sementes crioulas catalogadas e armazenadas na casa de sementes “mãe” da UPC, algumas em maiores quantidades como as de milho (com 11 variedades: cateto, abacaré, gabão e branco), sendo a variedade cateto produzida pela maioria dos guardiões no alto Sertão; o feijão (16 variedades, sendo as mais comuns o verde, rajado, lavandeira, carioca, carioquinha, amendoim, macaíba, rosinha e guandu); e 12 variedades de fava (entre as mais comuns, a orelha de velho, coquim, cinza, roxa, carne, moreninha, raio de sol, bolinha, ovo de codorna, preta, branca e feijão), além de sementes de girassol, abóbora, melancia e gergelim preto;
- Após o controle da lagarta em 1 tarefa do roçado agroecológico e consorciado, em 2021 foi possível colher 27kg de algodão em rama, 12kg de algodão em pluma, 08k de feijão mamona, 240kg de sementes de milho, 5kg de girassol e 10 gergelim.



Figura 3 – Iva de Jesus e a Turma do curso de agroecologia. Fonte: Acervo UPC.

2.7 MECANISMO DE VALIDAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência da UPC já é uma referência no estado e entre grupos que buscam desenvolver práticas agroecológicas, primeiramente na base do Movimento dos Pequenos Agricultores, e vem ganhando mais visibilidade no estado através da atuação de Iva dentro do Projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos. Nesse sentido, recebe estudantes de vários estados do nordeste, como os de agronomia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) Campus Sertão e da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) para estágios curriculares. Também estudantes da UFPE e UFS (cursos de geografia agrária) que nacionalmente estão vinculados à Associação Nacional Agricultura Camponesa (ANAC) e Estadual da Associação dos pequenos agricultores do estado de Sergipe (APAESE).

Além disso, já recebeu intercâmbios de vários estados, como por exemplo das ASAs estaduais de Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Bahia, e integra espaços como as redes: Rede Balaio (rede de comercialização e organização dos empreendimentos da economia solidária, organizada pela Cáritas Nordeste III) e Rede Raízes do Brasil (rede nacional de comercialização do MPA).

3. ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

3.1 INOVAÇÃO E/OU PROCESSOS DE APRENDIZAGEM INOVADORES

A experiência tem destaque para o avanço e empoderamento de Iva como representante de mulheres jovens, negras, agricultoras e assentadas, a frente da implementação de espaços de gestão coletiva no campo que promovem uma agricultura mais resiliente, e contribuem para o reconhecimento da importância de processos de inovação e organização social.

Também se observa o papel dos movimentos sociais em promover espaços formativos através de práticas de mobilização que incluem os camponeses em processos de gestão e empoderamento. Tais espaços, promovem a participação direta de agricultores(as) na identificação dos problemas e na busca de soluções adequadas, como o exemplo da pesquisa para controle da lagarta do algodão, o método de formação da Escola da Roça e as brigadas; sendo inovações camponesas no âmbito da formação e educação contextualizada.

3.2 FATORES DE ÊXITO

Os fatores de sucesso na aplicação da experiência são:

- A natureza participativa das mulheres em espaços de gestão;
- Acesso a política pública de formação (PRONERA);
- Processos de capacitação e formação capazes de despertar e ressignificar o sentido de ser agricultora;
- Acesso a projetos que promoveram a confiança e formação para o autorreconhecimento dos agricultores(as) das suas capacidades de gestão.

3.3 LIMITAÇÕES

Apesar do exemplo da trajetória de Iva, as relações no campo são ainda fortemente marcadas pelo patriarcado e pela descredibilização do trabalho das mulheres em papéis de liderança. Assim, Iva destaca esse aspecto como um dos grandes desafios a ser superado: **“Estamos falando de empoderamento enquanto mulher preta, camponesa, sem-terra, que cresceu no meio das injustiças de gênero que diz que mulher não sabe pegar uma máquina para plantar, que mulher não sabe articular uma ação de trabalho, que mulher não tem segurança na fala quando se fala em finanças etc.”** Além disso, no âmbito pessoal, ainda é um desafio o de transformar a área do lote familiar de 11 tarefas em uma área produtiva e sustentável ambientalmente, mesmo com o grande conhecimento técnico da agricultora.

Sobre os limites da UPC, indica-se o acesso a investimentos públicos no sentido de promover a transição agroecológica em mais lotes dentro do projeto Califórnia, tendo como base o modelo produtivo da UPC. A atual coordenadora da UPC, Maria dos Santos de Jesus, destaca ainda que: **“O desafio é criar Políticas Públicas para estruturação camponesa a que venham beneficiar a produção nos sistemas camponeses de produção, é essencial a existência de uma política de Estado, efetiva para aquisição das sementes crioulas e distribuição aos demais camponeses no território”.**

3.4 LIÇÕES APRENDIDAS



Segundo Iva de Jesus, se destacam como lições aprendidas os espaços de formação da Escola da Roça e da Brigada Permanente, por serem processos fundamentais para formar homens, mulheres e jovens nas práticas e visão camponesas. E, ainda em suas palavras: “Estudar a agroecologia é compreender que os seres humanos necessitam de um projeto de produção, onde a vida seja prioridade maior, como é o caso da produção agroecológica. No entanto, a pesquisa além de pesquisada e elaborada dentro dos muros acadêmicos, deve ser vivida em ações práticas no campo pelos camponeses e camponesas” (SANTOS, 2019).

3.5 CONTRIBUIÇÃO PARA AMPLIAR A RESILIÊNCIA ÀS MUDANÇAS DO CLIMA

A experiência se localiza dentro de uma área que sofre forte impacto ambiental, devido ao modelo de produção convencional que prima por uso excessivo de adubos químicos e irrigação desordenada, práticas que contribuem para o aceleramento da compactação do solo, bem como do processo de salinização do mesmo. Nesse sentido, a UPC oferece grande contribuição para ampliar a resiliência às mudanças do clima: primeiramente por propiciar um debate permanente com espaços de formação e de pesquisa, como universidades e institutos, o que contribuiu para formação de profissionais mais sensíveis às práticas de produção sustentáveis, não só no território, mas no Nordeste; em segundo lugar, mobiliza um grande número de guardiões e guardiãs de sementes crioulas, realizando práticas conservacionistas de manejo da agrobiodiversidade, dos solos, de irrigação e defensivos naturais.

3.6 CONCLUSÕES

A construção da Unidade de Produção Camponesa pelo Movimento dos Pequenos Agricultores, é fruto do sonho e da ousadia de homens e mulheres que acreditam que é possível produzir sem gerar tantos impactos negativos ao ambiente. Mais que um espaço, a UPC é uma estratégia de luta, formação e valorização do campesinato, através de estratégias de organização e capacitação. A experiência de Iva de Jesus é exemplo do impacto dos processos de organização e inovação social em especial para os jovens do campo, e da importância do empoderamento de mulheres e da juventude na incidência em espaços de gestão coletiva e para a produção agroecológica em territórios semiáridos.

4. DEPOIMENTOS

“Iva mulher jovem, negra, linda, agroecóloga e dona de uma personalidade forte que dialoga com seus ideais de vivência. Uma jovem que vem se desafiando e construindo no Alto Sertão Sergipano uma história de lutas sociais e que atualmente é presidente de uma associação que constrói, controla e desenvolve a certificação orgânica participativa de produtos no semiárido - ACOPASE. Vem desenvolvendo um belíssimo trabalho de gestão da associação com sua equipe e também cada vez mais se capacitando no âmbito da certificação orgânica. Cada dia uma construção. A cada dia uma história, uma vitória”.

Bayne Ribeiro – Agrônoma

“Os impactos de ter Iva de Jesus, engajada nas lutas, representa muito os processos dos movimentos sociais aqui no Alto Sertão. Ela entrou de cabeça, dentro do MPA, e foi nesse movimento que ela buscou uma formação política, que pudesse dar a ela a possibilidade de se engajar, ter consciência de seu papel, enquanto liderança mulher dentro do território. Esse processo de formação política dentro de um movimento social, alinhado aos cursos que ela fez que foi também uma conquista dos movimentos por educação referencial para



o campo, traz em sua base curricular os princípios da educação do campo e isso sem dúvida a fortaleceu para a luta dos movimentos sociais. Ela é, portanto, fruto e semente dessa formação que forja a sua militância pela reforma agrária na luta pela educação na luta por soberania alimentar e alimentação saudável. E isso é muito importante, pois nos aponta que a formação política e a educação do campo são caminhos para a transformação social junto à juventude do Alto Sertão Sergipano”.

Elielma Barros, dirigente estadual do MPA.

5. FONTES

Iva de Jesus Santos - UNIDADE DE PRODUÇÃO CAMPONESA UPC: UMA EXPERIÊNCIA COLETIVA, NO ALTO SERTÃO SERGIPANO -TCC do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia pela UFRB/EFASE/PRONERA, 2019.

Maria dos Santos de Jesus - PLANO CAMPONÊS E SEMENTES CRIOULAS: AFIRMAÇÃO E LUTA NO ALTO SERTÃO SERGIPANO – TCC Curso de Tecnologia em Agroecologia UFRB/EFASE/PRONERA, 2019.

Notícias

<https://algodaoagroecologico.com/alagoas-e-sergipe-realizam-assembleias-para-fundar-associacoes-certificadoras-de-alimentos-organicos/>

https://algodaoagroecologico.com/?s=&post_type=post

https://cohidro.se.gov.br/?page_id=23873



Figura 4 – Maria de Jesus na Unidade de Produção Camponesa. Fonte: DAKI-Semiárido Vivo, 2022.

Sistematização finalizada em maio de 2022.

O **Projeto DAKI – Semiárido Vivo** é uma iniciativa de Gestão do Conhecimento e Cooperação Sul-Sul entre regiões semi-áridas da América Latina, com foco na ampliação da resiliência dos povos e comunidades dos semiáridos aos efeitos das mudanças do clima. Centrado nas regiões do Grande Chaco Americano (Argentina), Corredor Seco da América Central (El Salvador) e Semiárido Brasileiro, o projeto atua identificando conhecimentos acumulados em experiências de agricultura resiliente ao clima, para criar pontes e intercâmbios entre boas práticas e seus protagonistas, e desenvolver capacidades técnicas através de processos de formação. A ação é financiada pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), coordenada por duas redes da sociedade civil – Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) e a Plataforma Semiáridos da América Latina –, e executada por um consórcio de organizações sociais: AP1MC (Semiárido Brasileiro), FUNDAPAZ (Argentina) e FUNDE (El Salvador).

A sistematização de experiências é um dos componentes do projeto DAKI-Semiárido Vivo, que tem como objetivos identificar, organizar, dar visibilidade e compartilhar aprendizagens sobre experiências e boas práticas sustentáveis e mais resilientes às mudanças climáticas, nas três regiões de atuação do projeto. Respeitando a riqueza de contextos, atores, natureza e modos de vida que compõem os semiáridos, os processos de sistematização se deram de modo articulado e heterogêneo, partindo da diversidade dos territórios para a interseção proposta pelo DAKI-Semiárido Vivo. Nesse sentido, cada região desenvolveu metodologias e processos de sistematização próprios, que seguiram critérios e categorias comuns, adaptados aos contextos locais. Estes processos seguiram as seguintes etapas: levantamento e identificação de experiências; sistematização em profundidade; produção de materiais e intercâmbios de conhecimento. Este material é resultado do processo de sistematização em profundidade, que gerou a Coleção de Experiências DAKI-Semiárido Vivo e com seus respectivos Cadernos de Casos.

No Caderno de Casos do Semiárido Brasileiro, o processo seguiu uma lógica de enraizamento territorial, na qual foram definidos 5 territórios prioritários para desenvolvimento dos processos de sistematização: Serra da Capivara no Piauí, Sertão do São Francisco na Bahia, Alto Sertão Sergipano, Chapada do Apodi no Rio Grande do Norte e Norte de Minas Gerais. Estes processos foram liderados por organizações de referência em cada um dos territórios, fortalecendo os arranjos territoriais e conhecimentos locais. Foram identificadas, selecionadas e sistematizadas 25 experiências (5 em cada território). As metodologias de sistematização seguiram diferentes caminhos e processos participativos, realizados pelas organizações responsáveis: Rio da Vida, visitas de campo, grupo focal, análise FOFA, dentre outras práticas que permitiram a participação e análise dos protagonistas sobre os processos vividos.

PUBLICAÇÃO

Metodologia, Elaboração e Texto

Centro Dom José Brandão de Castro (CDJBC)

Edição e Revisão

Esther Martins

Projeto Gráfico

André Ramos [AR Design]

EQUIPE PROJETO DAKI-SEMIÁRIDO VIVO

Coordenação Geral e Coordenação Semiárido Brasileiro

Antonio Barbosa

Coordenação Grande Chaco Americano

Gabriel Seghezzo

Coordenação Corredor Seco da América Central

Ismael Merlos

Gerência de Sistematização de Experiências

Esther Martins

Gerência de Formação

Rodica Weitzman

Gerência de Monitoramento e Avaliação

Eddie Ramirez

Gerência de Comunicação

Verônica Pragana

Acompanhamento técnico, metodológico e de produção de conteúdo

Júlia Rosas e Maitê Maronhas

Apoio Administrativo

Maitê Queiroz

Equipe de Monitoramento e Avaliação

Aníbal Hernandez e Daniela Silva

Equipe de Comunicação

Daniela Savid, Florencia Zampar e Nathalie Trabanino

Metodologia, elaboração e texto



Proyecto ejecutado por



Financiado por



Investindo nas populações rurais